



## SUMÁRIO

### Editorial

Jesus e Maria vivem no meio de nós.

### Caminho Formativo

Não com pancadas...

### Nazaré. Uma família toda de Deus

6. Maria e José, a esposa e o esposo.

### Humilde e a mais alta criatura

*A caminho com Maria, mestra de ecologia integral*

7. Maria, sopro de Deus.

### Crônica de Família

- Vídeo convite para o Congresso de Fátima.

- Maria Auxiliadora: do mundo a Fátima.

- Portugal: *Congresso Internacional de Maria Auxiliadora 2024 em Fátima.*

- Centro ADMA de Lisboa: *um grupo renovado e vivaz.*

### Intenções de oração mensal

Pelos novos mártires.

## EDITORIAL

### JESUS E MARIA VIVEM NO MEIO DE NÓS

P.1

P.3

Caros amigos e amigas

Estamos no término do nosso caminho quaresmal e nos aproximamos da Páscoa da Ressurreição de Nosso Senhor. Com alegria podemos refletir nestes dias, e renovar a nossa pertença à ADMA precisamente à luz deste único e grande evento no qual está arraigada a nossa salvação.

P.8

Precisamente o ato de fundação da ADMA por Dom Bosco (art. 1 do nosso regulamento) ganha força e encontra o seu significado profundo na morte e ressurreição de Jesus: "Dom Bosco depois de ter elevado a Maria, segundo as indicações que ela recebeu em um sonho, o santuário votivo dedicado à Auxiliadora (Turim Valdocco 1868) quis erguer um ano depois na Basílica a Associação dos devotos de Maria Auxiliadora dos Cristãos (18 de abril de 1869) para **irradiar no mundo a devoção à Virgem invocada com este título**".

P.10

P.10

P.11

P.11

Como bem descrito no comentário ao regulamento, que utilizamos para a nossa formação como aspirantes à ADMA,

*antes de mais nada, a palavra "Irradiar" recorda o compromisso de ser "luz do mundo" (Mt 5,14), de "trazer fogo à terra" (Lc 12,49), de cooperar na missão de Cristo para a salvação das almas sob a guia materna de Maria, reconhecendo na Eucaristia a fonte e o ápice de toda a vida.*

P.12

Devemos sempre recordar que não somos nós, a fonte da luz que queremos irradiar, mas, a fonte é Cristo e a luz provém justamente da sua Ressurreição que celebraremos nestes dias.

Em segundo lugar é bom recordar o fato que queremos irradiar, antes de mais nada, a devoção a Maria: somos devotos de Maria, no sentido que nos confiamos a Ela, a imitamos e queremos que habite conosco, em nossas casas, nas nossas famílias.

Também essa devoção, o “levar Maria para casa” se alimenta e encontra a fonte na Paixão e Ressurreição de Jesus: Quando Jesus viu sua mãe e, perto dela o discípulo que amava, disse à sua mãe: “Mulher, eis aí teu filho”. Depois disse ao discípulo: “Eis aí tua mãe”. E dessa hora em diante o discípulo a recebeu como sua mãe”. (Jo 19,26-27). “Levemos Nossa Senhora para casa!”. Assim seremos “discípulos amados” pois cuidaremos melhor da nossa filiação batismal e sentiremos mais concretamente os efeitos benéficos da maternidade de Maria, [...] com o afeto e o realismo com que Dom Bosco cuidou filialmente da presença de Nossa Senhora em casa, projetando e realizando as suas múltiplas iniciativas sempre em diálogo com Ela.

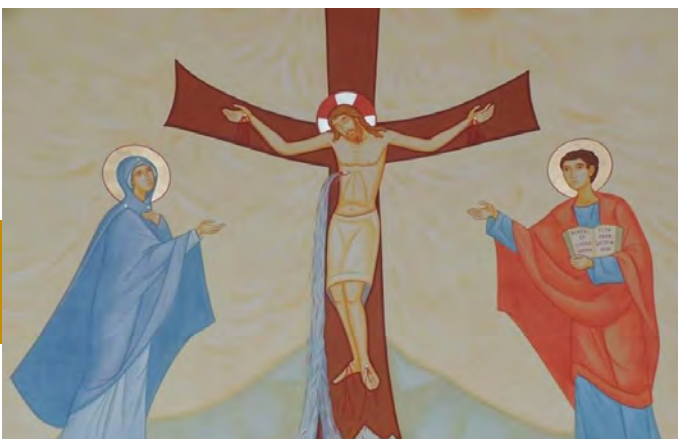
Finalmente, o nosso regulamento, recordando a Carta de Identidade da Família Salesiana, afirma: **a experiência “mostra-nos o mundo muito luminoso que Maria continuou do céu e com o maior sucesso, a missão de Mãe da Igreja e Auxiliadora dos Cristãos que ela iniciou na terra”**. Esta presença materna e operante de Maria é o fundamento da Associação e a inspiração do compromisso dos membros a serviço do Reino de Deus.

Também aqui a lembrança da Ressurreição de Jesus é evidente: Maria é presença viva no meio de nós e continua, na história da Igreja e da humanidade, a sua missão materna de medianeira das graças para os seus filhos. A Ressurreição é um dado concreto realizado, até agora, apenas em dois indivíduos da nossa espécie humana: Jesus e Maria! Dois de nós, Eles, vivem a Ressurreição pascal como primícias e início de todo o gênero humano renovado. Eles são o “homem novo” e a “mulher nova”: o segundo Adão e a segunda Eva. E o são não apenas como modelos para imitarmos ou simplesmente uma meta para atingirmos, mas realmente como o único princípio eficaz de regeneração e de vida para todos.

Os nossos mais sinceros votos de uma Santa Páscoa!

**Renato Valera,**  
**Presidente ADMA Valdocco.**

**Don Gabriel Cruz,**  
**Animador Espiritual ADMA Valdocco.**



**“Levemos Nossa Senhora para casa!”**

## CAMINHO FORMATIVO

### NÃO COM PANCADAS...

No sonho dos 9 anos há movimentos fortes que se destacam pela intensidade e que adquirem tanta verossimilhança na história, ao ponto de deixar uma marca não apenas na memória, mas também no físico, detalhe que permanece vivo também se contado depois de tantos anos: “Ao ouvir as blasfêmias, lancei-me de pronto no meio deles, tentando, com socos e palavras, fazê-los calar... Parecia que minhas mãos doíam devido aos socos que tinha dado, que minha face doía pelos socos recebidos”.

Quando a ação fica assim tão animada, o que ela deixa escapar é repentino, sem filtros: João tem um caráter forte, onde o ímpeto para reagir vence facilmente possíveis hesitações, medos, relutâncias. Este seu temperamento não é percebido apenas no sonho. O fato de que nos conflitos com seu meio-irmão Antônio, é ele, o mais novo, e não José, o filho mais velho de Mamãe Margarida, quem atinge um ponto de tensão que faz com que ele tenha que ser afastado de casa em fevereiro de 1827 até novembro de 1829 – casa de fazenda da família Moglia – confirma que, por natureza, João não era submisso.

São interessantes os testemunhos ouvidos no processo para confirmação das virtudes heroicas de Dom Bosco e, depois, para a sua canonização: *“Pela sua própria confissão, que ouvi, ele era naturalmente impetuoso e orgulhoso e não tolerava resistência, mas com muito trabalho ele conseguiu se conter para se tornar um homem pacífico e gentil e tão senhor de si mesmo que nunca parecia ter algo a fazer”* (Marchisio, em Cópia Pública Transumpti Processus Ordinaria, 629r). Também foi igual, o testemunho dado por Dom Cagliero e Pe. Rua: *“Segundo sua própria confissão, sua natureza era impetuosa e arrogante, então não podia sofrer resistência, e sentia uma luta inexprimível dentro de si quando tinha que ir pedir ajuda a alguém”* (Cagliero, ibi 1166r); *“Ele tinha um caráter impetuoso, como eu e outros pudemos constatar; pois em diversas circunstâncias vimos quanta força interior ele tinha que ter para reprimir as explosões de cólera diante das adversidades. E se isso acontecia quando já tinha uma idade avançada, imaginamos que seu caráter possa ter sido ainda mais vívido em sua juventude”* (Rua, ibi 2621 r-v).

No sonho esta é justamente a primeira palavra que o personagem majestoso disse: **“Não é com pancadas”**. Há uma indicação de rota que corresponde a uma brusca mudança. João é pego de surpresa e de alguma forma resiste a esse convite, pressionando com as suas perguntas sobre “quem é você” e sobre a impossibilidade de fazer o que lhe é proposto.

Conhecemos a história por quem deixou as Memórias do Oratório, 40 anos depois. Segundo ele, aquela conversão, mais do que uma mudança de tipo moral ou só metodológica, de uma coisa que não vai bem para algo que começa a funcionar melhor. Na verdade, foi um confluir de uma sucessão contínua, gradual, fecunda, de processos educativos e de caminhos espirituais que tornaram João não apenas capaz de se controlar, mas um gênio das relações educativas, um **“amigo da alma”** capaz de direcionar essa energia poderosa em uma força que faz crescer, não que reprime. A primeira coisa que não é reprimida é justamente essa sua energia interna. Com efeito, a mestra que torna possível o impossível lhe dará a tarefa de se tornar cada vez mais forte, por dentro e por fora: humilde, forte e robusto.

É uma força que de violenta oposição vira energia fecunda, não menos intensa e resiliente. Não para diante da prepotência e vence. Vence o mal com o bem. Uma vitória, portanto, não um se deixar dominar pela agressão ou fugir por medo.

Este tipo de força que sabe enfrentar a violência e resgatá-la de dentro tem um sabor genuinamente evangélico. O “dar a outra face” com que paradoxalmente se explicita o chamado a amar os inimigos, se vê encarnado nos dias da Páscoa, onde o pior do mal se torna o caminho para o bem mais fecundo de sempre, do alfa ao ômega do nosso universo.

Junto com a não “oposição aos ímpios” vem a insistência nos Evangelhos sobre a **LIBERDADE**, principalmente no Evangelho de João, testemunha ocular e último a narrar o que aconteceu e o sentido de tudo, isto é, o rumo que a Páscoa dá a toda a história. É o dom gratuito de si mesmo. Jo 10.17-18: “O Pai me ama, porque dou a minha vida para

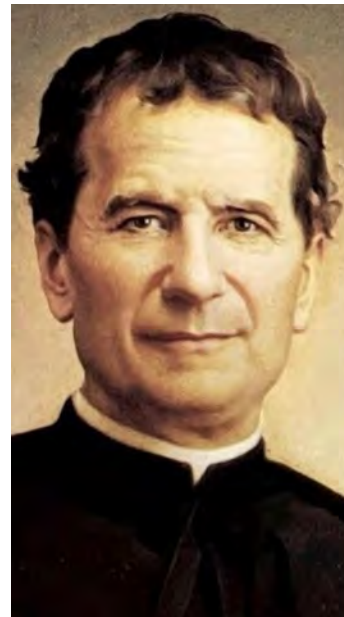
a retomar. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou de mim mesmo e tenho o poder de a dar, como tenho o poder de a reassumir”. Isto confirma quão grande a força que se desenvolve a partir da escolha clara de direção, **de “para onde”, de con-versão e con-vergência: “Não com pancadas”.**

Para Dom Bosco ficará muito claro que esta é a única via educativa que vale a pena seguir, onde a **auctoritas se torna verdadeiramente a arte de fazer crescer**, segundo o significado original do termo (ápice). A rejeição de um sistema educativo baseado na repressão e nos castigos é para ele uma trajetória sem volta, mesmo quando o oratório já tinha sido levado além-mar até a Patagônia pelo seus. Nos últimos anos, o medo que se perdesse este espírito o levaria às lágrimas e a escrever páginas entre as mais sinceras e incisivas, como a carta de Roma, datada de 10 de maio de 1884: **“Não basta amar os jovens, é preciso que eles saibam que são amados”.** Também aquela carta histórica será em forma de sonho e poderia quase ser entendida como uma resposta que Dom Bosco dá àquele impetuoso Joãozinho nos seus últimos anos, não como uma antítese, mas como uma revisão de todo o caminho: **“A seu tempo, tudo compreenderás”.**

Para nós que contemplamos à distância este itinerário de vida tão fecundo, no qual estamos pessoalmente envolvidos, cada um com a sua história, há dois possíveis dons para aproveitar:

- **É possível reorientar a energia.** Não a suprimir, mas dar-lhe uma nova direção. É um caminho lento e trabalhoso, mas vale a pena. Não se torna nem menos forte, nem menos eficaz. As pessoas que mais têm feito o bem são educadores e mestres que deram passos nesta direção.

- **É um caminho que exige e se nutre de uma grande fé.** Não busca o efeito imediato, mas sabe crer no fruto onde ainda se tem apenas a semente, não raramente a menor de todas. **Esta é a lógica da Páscoa.** É um campo no qual entre educação e evangelização, entre natureza e graça, entre o desafio do presente e a esperança do futuro se instaura uma consonância que é tão divina quanto humana. O todo de nós, da confiança, da paciência corresponde ao conjunto da força que nos é dada do alto. A experiência dos



*“Não basta amar os jovens, é preciso que eles saibam que são amados”*

*Dom Bosco*

nossos santos, dos quais os mártires estão sempre em primeiro lugar na lista, confirma isso e é comprovado pela variedade de contextos e situações em que esta superação do mal com o bem foi alcançada. Não é uma questão cultural ou de conjunturas históricas específicas: trata-se das relações humanas de sempre, antes, agora e depois de nós, com a mesma modernidade permanente que têm as parábolas evangélicas

**Silvio Roggia, SDB**



## NAZARÉ. UMA FAMÍLIA TODA DE DEUS

### 6. MARIA E JOSÉ, A ESPOSA E O ESPOSO

Nazaré poderia ser chamada, com razão, de **“a casa do belo amor”**. Ao “belo amor” a Igreja dedica um lugar especial no Missal mariano, com uma celebração dedicada a “Maria, Mãe do belo amor”. O belo amor é quando o amor humano está todo envolto e abarcado pelo amor de Deus e se torna seu espelho e transparência. É quando o *eros* e o *ágape* se reconciliam, quando a virgindade e a nupcialidade não se distinguem bem, quando a intimidade é acompanhada pelo pudor. É quando a fecundidade não contradiz a castidade e a castidade favorece a fecundidade, quando o diálogo é silencioso porque habitado pelo mistério de Deus, e o silêncio não é vazio e estéril, mas espaço de comunicação profunda.

Contemplando o amor puríssimo de Maria, a Igreja vê *nele o sinal mais luminoso da glória de Deus e da sua Sabedoria*. A Lei aplica de maneira eminente as palavras que o Antigo Testamento dedica a Judite: “Não há sobre a terra mulher semelhante a esta no valor, na beleza e na sabedoria de suas palavras” (Jt 11,19). O brilho humilde e silencioso do rosto e do coração de Maria, depois de ter iluminado o rosto e aquecido o coração de José, voltou-se então para a geração humana do Filho de Deus, para que fosse reconhecido como “o mais belo entre os filhos dos homens”, e fosse finalmente destinado à Igreja, para que assumisse a forma de “Noiva Imaculada” (Ef 5,27), porque, como diz a liturgia: “do leito puríssimo de Maria tiraste o Esposo da Igreja, Jesus Cristo, teu Filho”.

A reverberação da beleza de Maria é algo de que todos os cristãos, e especialmente os esposos, deveriam se nutrir continuamente e pela qual serem infinitamente gratos. Trata-se de uma *beleza nativa* porque imaculada, de uma *beleza aperfeiçoada a grande custo* enquanto Das Dores, e de uma *beleza já gloriosa*, à qual os esposos podem recorrer levando Maria para sua casa como “a coisa mais querida” (Jo 19,27). Assim se expressa a Igreja: “bela na tua concepção, imune a toda mancha de pecado e inteiramente envolvida no esplendor da sua graça. Bela no parto virginal, em que deu ao mundo o seu Filho, esplendor da tua glória, nosso irmão e salvador. Bela na paixão de Cristo, purpureada pelo seu sangue, como um cordeiro manso unido ao

sacrifício do cordeiro mais manso, agraciada com uma nova missão materna. Bela na ressurreição do Senhor, com quem reina gloriosa, participe do seu triunfo”.

À luz de Maria, Mãe do belo amor, procuremos refletir sobre o delicado e maravilhoso tema da *castidade matrimonial*, cuja preparação pré-matrimonial, apesar dos costumes dos nossos tempos, é na verdade, cumprida. Sim, porque a beleza é a manifestação sensível do amor, mas o amor verdadeiro não é nada menos do que o dom de si, e não há encantamento sensível e nem qualquer sentimento amoroso, por mais intenso que seja, que possam pensar em pressupor ou improvisar: o verdadeiro amor é recebido como dom na alegria e amadurecido na dor até o perdão, que é aquela maravilhosa capacidade que vem de Deus, de regenerar até setenta vezes sete cada relacionamento ferido ou exaustivo.

Diante da incomparável beleza de Maria Imaculada e da sublime pureza do seu amor sponsal, os esposos cristãos – como explica **Adrienne von Speyr, médica e mística do nosso tempo, que foi primeiro esposa, e depois consagrada** – **“para viver um matrimônio perfeitamente cristão, não ignorarão simplesmente as mortificações presentes na sexualidade, mas deverão aprender a compreendê-las cada vez mais com referência à cruz e à luz do seu fogo purificador”**. **Caso contrário, como se vê, os casais se separam, os casamentos fracassam e os filhos sofrem.**

#### Um amor conjugal e virginal

Apesar da imagem ofuscada, materna, mas não feminina de Maria, e paterna, mas não viril de José, que era muitas vezes sugerida, *Maria e José viveram um esplêndido encontro de amor e experimentaram um intenso desejo de pertencerem um ao outro no pleno serviço de Deus*. A sensibilidade comum, instruída pelo pecado original e por todas as suas consequências, pensa instintivamente que virgindade e conjugalidade são alternativas, e tem dificuldade em acreditar que um amor virginal também possa ser apaixonado.

Na realidade, o amor de Deus não extingue o amor

## Nazaré. Uma família toda de Deus

humano, mas, pelo contrário, acende-o, purifica-o e intensifica-o. Escrevendo sobre Maria e José, Adrienne explica que “a abertura de um ao outro, como consequência da promessa mútua, não tira o primeiro lugar que o amor a Deus ocupa e continua a ocupar nos seus corações”.

O amor singularmente virginal de José e de Maria não compromete, mas aperfeiçoa o seu amor esponsal, pois não procura de forma alguma antecipar a vontade de Deus, que é sempre misteriosa mesmo quando a conhecemos nas suas características gerais.

Na escola do casamento, compreende-se que o amor de Deus é capaz de libertar os noivos e os cônjuges de julgamentos precipitados ou preconceitos arraigados, de expectativas ingênuas ou exageradas, de esperas ilusórias ou errôneas. Maria casou-se com José tão completamente orientada à vontade de Deus, que – explica novamente Adrienne com palavras de rara profundidade – se poderia pensar que “ela não esperava filhos de José. Mesmo assim, de fato, como acontece com o voto de virgindade, algo deveria ter sido estabelecido previamente. Maria vive além desta decisão; para ela a decisão do casamento não é de forma alguma uma decisão contra a virgindade e a decisão do estado terreno não é uma decisão contra o estado de perfeição. Não reflete sobre sua compatibilidade. Conhece apenas um propósito ao qual se refere sem paradas, retornos ou desvios: fazer a vontade de Deus em tudo e perfeitamente”. Maravilhoso: Maria, ao contrário de nós, pecadores, nem sequer pensa na incompatibilidade entre virgindade e nupcialidade.

O caso de José é diferente, e nele cada casal pode refletir-se e decidir tomar Maria como Mãe do belo amor. Ele, mesmo sendo um homem justo, ainda entrou entre as fileiras dos pecadores, e lhe era impossível não se perguntar como continuar sendo casto e casado. Mas isto não deve nos fazer

pensar nem um pouco que a solução fosse para ele um estreitamento ou congelamento do coração: “no noivado ele experimentou um amor real de uma mulher e este amor da sua futura esposa o enriqueceu como só o amor de uma mulher pode preencher um homem”.

### O coração de Maria e de José

Em sua existência terrena, Maria realizou uma síntese maravilhosa de *feminilidade e modéstia*, e José, por sua vez, tornou-se um esplêndido exemplo de *virilidade e pureza*. É desnecessário enfatizar que hoje em dia estes binômios não são comuns, e, como em todo caso, hoje assim como ontem, se constituem em um milagre da graça, daquela misteriosa obra de preservação ou de liberação do mal, que Deus opera em seus filhos e filhas. Sim, porque há jovens mulheres que já com a sua postura sabem revirginizar os seus homens, e há jovens rapazes que já sabem restituir a integridade às suas mulheres com a sua afetuosa paciência.

De qualquer forma, trata-se de compreender que a *virgindade não desviriliza o homem e não tira nada da ternura feminina*: não exaspera o coração, nem o congela, pelo contrário – dizia Bossuet – “lhe confere uma maior plenitude e liberdade”. Na realidade, desde que não seja vivida de forma egoísta ou neurótica, a *integridade virginal predispõe ao amor conjugal e aumenta-o*: trazer o sentimento do amor para a esfera divina não significa, de fato, destruí-lo, mas aperfeiçoá-lo. Entre Maria e José tudo acontece de maneira simples e sublime: “o amor do homem – é novamente Adrienne a instruir-nos – se modela ao da mulher, que é a silenciosa educadora do ímpeto viril. Maria virginizou José, como devia virginizar muitos jovens com o seu sorriso, e aquela linhagem sacerdotal que deve a ela conseguir preservar neste mundo, com facilidade, o mistério da castidade viril.

Mas ela não lhe tirou o vigor, a energia, o ardor; não diminuiu a sua capacidade de dar e receber expressões de ternura. O olhar de José mudou ao encontrar aquele olhar; os seus sentidos foram edificados pelo irradiar daquele corpo único no mundo”.

Infelizmente, são muitas as esposas que, entre milhares de outros motivos, se distanciam dos seus maridos também por motivos religiosos, desencadeando nos cônjuges um descontentamento silencioso ou um ressentimento



surdo (como se Deus estivesse tirando a mulher que lhes dera), e, compreensivelmente, expondo-os a muitas tentações. Agora, em vez disso, para Maria, que também era perfeitamente consagrada a Deus, não foi assim: **a sua total orientação para Deus não diminuía o seu afeto por José**, nem o modo virginal do seu casamento a tornava “separada em casa”. Pelo contrário, o seu casamento com José tornou-se fundamental para a configuração nupcial da futura Igreja. Adrienne chega a dizer que se “Maria acompanhará Jesus aos pés da cruz, atingindo assim o ponto mais alto da sua dedicação, e ali será a esposa perfeita, para esta altíssima tarefa foi preparada durante o seu tempo como esposa ao lado de José”.

E não pensem que a renúncia de José foi vivida com ressentimento suspeito ou tristeza resignada, como uma desilusão. O grande romancista polonês Jan Dobraczynski, em seu belo livro *A Sombra do Pai*, explica assim: “daquela menina irradiava tamanha pureza que todo mal pensamento morria antes mesmo de se formar. Quanta simplicidade havia naquela menina. A sensação de ter podido retribuir com a renúncia um amor assim tão grande despertava um entusiasmo mais forte que os apelos da carne. Maria e José não precisavam falar, os seus pensamentos se encontravam incessantemente”. Como as coisas andariam melhor com os esposos se compreendessem que a comunhão sexual talvez favoreça, mas acima de tudo se requer uma mais profunda comunicação espiritual!

### O diálogo e o silêncio nupcial

À luz do casamento singular entre Maria e José, o acordo de virgindade e nupcialidade pode ter um significado muito concreto para todos os cônjuges e é a *busca da harmonia entre o diálogo e o silêncio*: o amor precisa e se nutre de ambos. **O silêncio é o cerne da palavra, a palavra é o fruto do silêncio.** O silêncio sem palavras é estéril, a palavra sem silêncio é bate-papo informal. **O silêncio autêntico é espera de verdade, a palavra autêntica diz a verdade.** A alternância e a pertença de palavra e silêncio é expressão profunda do intercâmbio do amor do homem e da mulher. O homem é principalmente palavra, mas costuma processar os problemas em silêncio, sendo difícil para ele dar palavras aos seus sentimentos e comunicá-los à mulher. A mulher, por sua vez, é predominantemente silêncio como ventre da palavra, mas normalmente ela enfrenta as dificuldades, em primeiro lugar, verbalizando-as,

revelando-as, e sabemos o quão difícil geralmente é para ela, conter a verbosidade. Como se vê, está em jogo a sintaxe conjugal correta, aquela que cria e preserva a compreensão e a cumplicidade: toda mulher gosta de receber do homem, palavras verdadeiras e intensas, assim como todo homem procura na mulher, um corpo acolhedor e um rosto sorridente. Por isso um olhar para o silêncio de Nazaré pode fazer bem aos cônjuges.

No seu silêncio, Maria e José são exemplares, em primeiro lugar, pelo fato de *não terem a ingênua pretensão de entenderem e de se fazerem entendidos de repente, em tudo e a todo custo*. É o típico **uerer se explicar das mulheres**, sempre com a íntima convicção de terem razão ou, ao contrário, de estarem erradas, ou é o **querer ter razão dos homens** talvez sem se explicar ou mesmo sabendo estar errado. É o esforço dos homens para compreender a comunicação emocional das mulheres, e das mulheres para compreender a síntese racional dos homens. Pelo contrário – e é uma boa dica para todos – *o vínculo entre Maria e José está envolto e acompanhado de mistério*. Quando Maria “ficou grávida pela ação do Espírito Santo”, lhe acontece

um evento maior que ela. Não há palavras para comunicar isso a José. Por isso Maria se apresenta a ele como é, à custa de ser incompreendida ou mal interpretada: prevalece a confiança em Deus e, também em José. Jean Guitton vê neste silêncio, algo de heroico: “O aspecto heroico deste silêncio nupcial diante de José foi de se expor à suspeita daquele que ela amava. Mas agir bem e não ser compreendido são coisas que quase sempre andam juntas, que ajudam a viver de Deus”. De Maria e José, os esposos podem vir a saber que compreender é o primeiro passo para estarem em sintonia: “compreender”, na verdade, significa “abraçar”, e os esposos sabem como um abraço diz muito, mas não explica tudo, diz mais do que explica, busca dizer aquilo que não se consegue explicar. Mas assim mesmo comunica mais do que as palavras.

Adrienne vai ainda mais longe. O silêncio de Maria não se refere apenas à **medida** de compreensão de José, mas também e sobretudo, à **grandeza** do dom de Deus! *Quando entre os esposos a obra de Deus está presente na alma de um e do outro, a intimidade se reveste de discrição*. Há coisas que não podem ser ditas por que são indizíveis: “Maria fica em silêncio, pois compartilha um segredo diretamente

com Deus. Ela entende que este mistério é de tal natureza para toda a Igreja futura que ela não pode, portanto, dispor dele. Neste momento não há nada adequado para ser comunicado a José". Por isso explica depois: "Os esposos cristãos guardam o segredo que cada um tem diante de Deus. De mãos dadas entram na Igreja, mas depois não falam sobre o que cada um confessou. Este silêncio não limita nem perturba a sua intimidade". Mais ainda, "o

segredo dos esposos, que cada um deles tem diante de Deus, não só não pode perturbar o amor mútuo, mas pode torná-lo mais fecundo, aprofundá-lo e enobrecê-lo. Longe de comprometer a integridade da sua dedicação, representa ao longo do tempo a melhor garantia da sempre nova vitalidade do amor humano".

Roberto Carelli, SDB

## HUMILDE E A MAIS ALTA CRIATURA

*A caminho com Maria, mestra de ecologia integral*

### 7. MARIA, SOPRO DE DEUS

*Antes de ler este texto, lhe convido a parar por um momento, fechar os olhos e escutar a sua respiração. Não sei se você já percebeu: sem respirar não se pode viver, no entanto, durante a maior parte do tempo da nossa vida não nos damos conta de que estamos respirando.*



Percebemos isso quando começamos a ter dificuldades de saúde, como um resfriado, ou quando nos encontramos em ambientes onde falta ar ou o ar é ruim. A poluição do ar é uma das consequências nefastas do desenvolvimento industrial. A falta de oxigênio é uma das consequências da desflorestação selvagem que tem prejudicado e continua a prejudicar áreas cada vez mais vastas da nossa Terra. Muitas doenças que nos atingem e nos levam à morte estão ligadas às substâncias tóxicas que respiramos, paradoxalmente, não só nos contextos desenvolvidos, mas também nos países mais pobres, onde frequentemente o Ocidente despeja os seus próprios resíduos de todo tipo, sem qualquer controle nem possibilidade realista de eliminação.

No entanto, ao longo dos últimos anos, demonstramos, também, a capacidade de mudar o nosso comportamento para diminuir os efeitos deletérios da poluição: basta pensar no "buraco na camada de ozônio", que parece ter sido fechado graças ao compromisso conjunto dos governos internacionais em reduzir a produção daqueles gases nocivos que o provocaram. Se conseguimos uma vez, significa que podemos ter sucesso novamente! Para isso, é importante **amadurecer cada vez mais no discernimento e na liberdade, para poder fazer as escolhas, pequenas e grandes**, das quais o planeta tem necessidade, cada um de acordo com a sua posição social e as responsabilidades que lhe são próprias.

**O ar, nas Escrituras, é o símbolo do Espírito de Deus e da liberdade e seguir o Espírito na liberdade requer, quase sempre, a coragem de fazer escolhas contracorrente**, Nicodemos, por exemplo, era um chefe dos Judeus. Era uma pessoa que tinha uma posição social, pública, que lhe conferia prestígio e autoridade em relação aos outros. Era, além disso, um fariseu, alguém que tinha estudado a Lei e se comprometia em respeitá-la. Para Nicodemos, também, tudo isto não era apenas aparência: ele realmente amava a Deus e o procurava de todo o coração. Nicodemos não fica satisfeito com o que já conquistara. Precisamente por isso se sente atraído por Jesus e deseja encontrá-lo. O medo do julgamento dos outros, porém, o leva a ir até Jesus à noite. Nicodemos não é um homem livre. Jesus o compreende e lhe anuncia a libertação que o Espírito dá a quem se deixa conduzir por Ele. O Espírito é pura liberdade, como o vento, do qual percebemos a



brisa, mas não somos capazes de controlar a direção do seu sopro. Quem nasce de novo pelo Espírito, graças ao Batismo, é chamado a se assemelhar ao Espírito. Na carta aos Gálatas, São Paulo recorda vigorosamente aos crentes: “Cristo nos libertou, e não torneis a colocar-vos debaixo do jugo da servidão” (Gal. 5, 1). No caso dos Gálatas como no caso de Nicodemos, se tratava de fazer depender a salvação não da observância da lei, mas do amor. No nosso caso, trata-se de aprender a reconhecer o que é pesado para nós e nos obriga a repetir hábitos que não nos salvam, enquanto Deus abre diante de nós os novos caminhos da sua criatividade e do seu amor.

Diante das dificuldades da vida, diante das falhas pessoais, diante da crise ecológica e do sofrimento de muitos irmãos e irmãs, podemos fazer a experiência do profeta Ezequiel, para quem Deus mostra uma planície coberta de ossos secos, que representa o povo de Israel que perdeu a esperança de ser resgatado e libertado por Deus (Ezequiel 37). Diante daquele espetáculo, Deus pergunta ao profeta: “Filho do homem, poderiam esses ossos retornar à vida?”. E o profeta responde: “Senhor Javé, só vós o sabeis”. Ezequiel, com estas palavras, reconhece ao mesmo tempo a própria fraqueza e o poder de Deus. Enquanto criaturas, não podemos criar vida a partir da morte. Deus, no entanto, o pode fazer e o quer fazer na nossa vida. Da nossa parte, pede apenas disponibilidade para nos deixarmos preencher pelo Espírito. Graças à fé de Ezequiel, Deus pôde cumprir a profecia: “Profetiza ao espírito, profetiza, filho do homem, e dirige-te ao espírito: eis o que diz o Senhor Javé: vem, espírito, dos quatro cantos do céu, sopra sobre esses mortos para que reviva’ Proferi o oráculo que ele me havia ditado, e daí a pouco o espírito penetrou neles. Retornando à vida, eles se levantaram sobre seus pés”. Ao devolver vida aos ossos secos, Deus repete o gesto da criação, quando soprou o seu Espírito nas narinas de Adão, que acabava de ser moldado a partir da terra (Gn 2,7). Por isso o Novo Testamento apresenta a ressurreição de Cristo e dos crentes como o início de uma nova criação: “Todo aquele que está em Cristo é uma nova criatura. Passou o que era velho; eis que tudo se fez novo” (2Cor 5,17).

Não se diz de Maria que, ao anúncio do anjo, ou mesmo antes de partir apressadamente para se juntar a Isabel, tenha parado para pedir licença aos seus pais ou a José, de quem ela já era noiva (Lc. 1,

26-39). Uma desobediência que é a escuta atenta da própria consciência, o lugar sagrado no ser humano onde Deus vive e onde é possível ouvir a sua voz. Ao longo de toda a sua vida, **Maria se deixou guiar pelo Espírito** e por isso voou nas asas da santidade, fazendo o bem a todos que encontrava. Em Maria, em seu ventre, e com Maria, graças à sua educação, o Filho de Deus aprendeu a respirar e a crescer livre. **Maria foi, portanto, o sopro de Deus sobre esta terra, o espaço de liberdade e de novidade que Deus precisava para renovar a criação a partir de seu interior.** No seu ventre, o Espírito teceu junto, a carne e os ossos do novo homem que nos redimiu para sempre da morte. No Magnificat, este sopro se faz canto, exaltação do poder do amor de Deus que derruba os poderosos de seus tronos, exalta os humildes, enche de bens os famintos e aos ricos despede de mãos vazias.

Conta-se de Madre Mazzarello, que certa noite, tendo que completar um trabalho de costura, decidiu ficar a costurar depois do Boa-Noite, junto com algumas irmãs, à luz de velas. Ao ouvir os passos de Pe. Costamagna - e sabendo de sua rigidez diante da regra - a Madre apagou a vela, fazendo sinal às Irmãs para que ficassem em silêncio até que o padre passasse. Em suma, a observância como fim em si mesma não pertence ao carisma salesiano e pode haver circunstâncias em que a transgressão de uma regra ou uma inovação na regra constitua o único modo de ser fiel ao chamado de Deus e ao espírito do carisma. **“Faça com liberdade tudo o que a caridade exigir”**, com estas palavras Maria Domingas encorajava as Irmãs a colocarem o exercício concreto do amor demonstrado acima da lei. Certo, sem regras a vida comum, em família e em sociedade, torna-se impossível, mas deve ficar sempre claro que as regras servem para proteger a vida e para fazê-la florescer. No momento que uma regra, um costume, mortifica as pessoas, significa que é tempo de reforma. Obviamente, a **primeira realidade a ser reformada é sempre o nosso coração.** Quanto mais nos tornarmos livres em nosso interior, livres de julgamentos, preconceitos, medos, rigidez, mais seremos capazes de contribuir para aquela renovação da Igreja e da sociedade que Deus espera também de nós e que Papa Francisco continuamente solicita.

Linda Pocher, FMA



## CRÔNICA DE FAMÍLIA

### Vídeo convite para o Congresso de Fátima

Lembro a vocês que **estão abertas as inscrições para o IX Congresso de Maria Auxiliadora que acontecerá em Fátima de 29 de agosto a 1 de setembro de 2024** <https://mariaauxiliadora2024.pt>

Em vista deste significativo evento da Família Salesiana, a equipe organizadora do congresso promoveu uma série de **nove vídeos**, nos quais diversas personalidades do mundo salesiano convidam todos a participar. Estão disponíveis [neste link](#).

### Maria Auxiliadora: do mundo a Fátima

De novembro passado até fevereiro de 2024, houve os encontros dos delegados inspetoriais e dos membros, a representar diversos grupos da Família Salesiana das diversas regiões nas quais a Congregação está organizada em todo o mundo.

Estes encontros fazem parte da animação realizada pelos delegados mundiais da Família Salesiana e têm os seguintes objetivos: **partilhar e refletir sobre a realidade da Família Salesiana na Região, aprofundar a contribuição que a nossa identidade carismática é chamada a oferecer em um mundo em mudança; promover uma renovada relação entre a Família Salesiana e a Pastoral Juvenil; viver uma experiência de comunhão e espiritualidade que reforce a missão e a formação partilhada; e de especificar os passos para o percurso da Região com base na reflexão e boas práticas.**

Quisemos aproveitar estes encontros para convidar todos os membros da Família Salesiana a participar no IX Congresso Internacional de Maria Auxiliadora, que se realizará de 29 de agosto a 1 de setembro de 2024, em Fátima (Portugal).

Como sinal concreto e simbólico, em cada encontro foi trazida da Basílica de Maria Auxiliadora de Valdocco uma pequena imagem de Nossa Senhora Auxiliadora, que foi abençoada e doada na celebração da Eucaristia a um membro da ADMA de cada Região, com a intenção de que Maria pudesse reunir um bom grupo de membros da nossa família da região na qual se encontra e ao mesmo tempo



poder liderar a peregrinação a Portugal neste verão.

A ADMA sonha que estas sete pequenas imagens espalhadas pelo mundo possam ser reencontradas em Fátima para simbolizar a comunhão a qual Maria nos convida a viver como Família Salesiana de todos os continentes, membros de uma única Igreja universal e também nas nossas realidades locais.

*“Toda a Família Salesiana é e sente-se como uma Família Mariana, nascida do cuidado materno da Imaculada Auxiliadora. Todos os Grupos, de fato, expressam esta convicção nos seus textos constitucionais”* diz o artigo 37 da carta carismática da Família Salesiana. Aproveitemos, portanto, este Congresso para viver com a nossa vida o que professamos.

Encontremo-nos em Fátima.

## Congresso Internacional de Maria Auxiliadora 2024 em Fátima (Portugal)

No espírito de solidariedade e ajuda mútua que queremos destacar, um **“Fundo de Solidariedade”** foi criado na ADMA Primária de Turim para ajudar os grupos mais em dificuldade a participar.

Todas as doações podem ser enviadas através de transferência bancária da ADMA:

- IBAN IT16 V030 6909 6061 0000 0130 575
- ou seguindo as instruções no seguinte link <https://www.admadonbosco.org>

Para quaisquer pedidos de contribuições ou esclarecimentos, os responsáveis de um grupo podem escrever para: [adma@admadonbosco.org](mailto:adma@admadonbosco.org)

O valor recebido será dividido entre as diversas solicitações. Não há contribuições para participantes individuais.

*“O Senhor ama quem dá com alegria”*



**Dar-te-ei a MESTRA**  
IX Congresso Maria Auxiliadora

Fátima 29 de agosto - 1 de setembro de 2024

*Inscrições abertas!*

[www.mariaauxiliadora2024.pt](http://www.mariaauxiliadora2024.pt)

## Centro ADMA de Lisboa: um grupo renovado e vivaz

O Centro ADMA de Lisboa renovou o seu Conselho no início de 2023.

**Em dezembro passado o grupo reuniu-se, como família, na igreja de Nossa Senhora Auxiliadora para a celebração do Natal.**

Todo o Conselho da ADMA esteve presente no evento, inclusive o atual animador espiritual, Pe. Artur Pereira; além de 20 associados e três convidados: os dois párocos e o anterior animador espiritual, Pe. João Chaves.

O grupo ADMA de Lisboa é um **grupo muito ativo**, composto por seis membros e 44 associados, com o conselho que se reúne todo mês, no sábado mais próximo do dia 24, para revitalizar o grupo e aumentar a união entre todos.



Os temas propostos são de interesse geral e de partilha de opiniões. Os encontros mensais também deram origem a uma arrecadação constante de fundos a serem doados à Fundação de Direito Pontifício **“Ajuda à Igreja que Sofre”** (ACS).

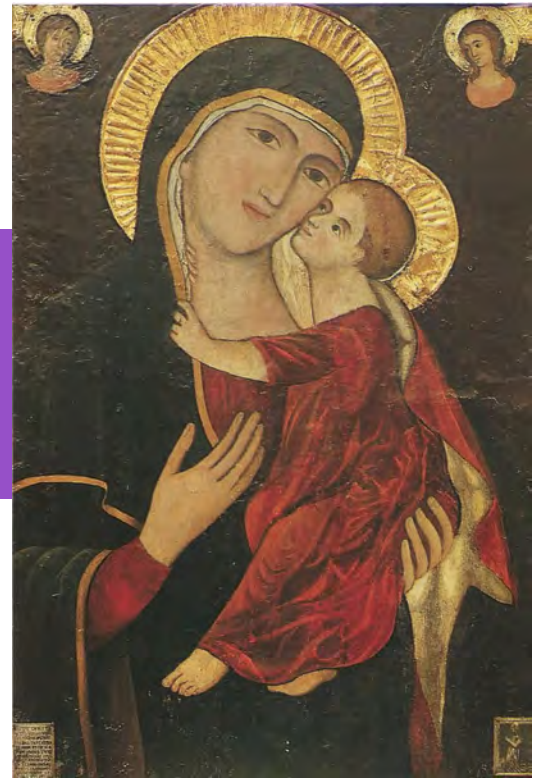


## INTENÇÕES DE ORAÇÃO MENSAL

Desejamos unir as orações de todos os grupos ADMA do mundo por uma intenção especial.

Este mês rezaremos **pelos novos mártires**.

*Rezemos para que aqueles que em diversas partes do mundo arriscam a vida pelo Evangelho contagem a Igreja com a sua coragem e o seu próprio impulso missionário.*



**ENVIE UM ARTIGO E FOTO:** Um artigo e uma foto de um encontro de formação; da comemoração do dia 24 do mês, celebração mensal de Nossa Senhora Auxiliadora; de uma atividade de voluntariado que desenvolvem. O artigo (formato .doc, máximo de 1200 caracteres sem contar os espaços) e um máximo de 2 fotografias (formato digital .JPG e de tamanho não inferior a 1000px de largura), fornecidos com um título e/ou uma breve descrição, devem ser enviados para [adma@admadonbosco.org](mailto:adma@admadonbosco.org). É indispensável indicar no assunto do e-mail “Crônica de Família” e, no texto, os dados do autor (nome, sobrenome, local da foto, ADMA de pertença, cidade, país).

Ao enviar, a ADMA fica automaticamente autorizada a elaborar, publicar, também parcialmente, e, divulgar de qualquer forma, o artigo e as fotografias. As imagens poderão ser publicadas, a critério da redação, no site [www.admadonbosco.org](http://www.admadonbosco.org), e/ou em outros sites da ADMA acompanhadas de uma legenda.